

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Gabriela Kappel

**PLANEJAMENTO:
UMA PERSPECTIVA SOBRE AS ESCOLHAS DO PROFESSOR**

**Porto Alegre
2010**

Gabriela Kappel

**PLANEJAMENTO:
UMA PERSPECTIVA SOBRE AS
ESCOLHAS DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientadora:
Profa. Ana Maria de Barros Petersen**

**Tutora:
Cátia Zílio**

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Graduação: Profa. Valquíria Linck Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

À minha filha, Maria Clara, motivação para todas as ações da minha vida. À minha mãe, Helia Maria Kappel, professora que me inspirou o gosto pela educação.

AGRADECIMENTOS

Obrigada à professora Ana pelo carinho, seriedade, pela paciência, pelas explicações, que me foram essenciais nesse trajeto.

Agradeço à Cátia que se mostrou sempre tão disponível para todas as minhas dúvidas e aflições, motivando-me e auxiliando-me para o bom desenvolvimento deste TCC.

Aos meus pais, Vitor e Hélia, por todo amor e por todas as orações em meu favor.

Aos meus padrinhos, Juraci e João, que mesmo não estando próximos fisicamente torcem e vibram com cada conquista minha.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os
homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

RESUMO

Sendo o aluno o construtor do próprio conhecimento, essa construção se dá com a mediação do professor numa ação do aluno que estabelece a relação entre suas concepções prévias e o objeto de conhecimento proposto pela escola. Fica claro que a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, estimulado por condições exteriores criadas pelo professor, daí a importância do professor saber escolher as atividades que permearão a aprendizagem, sendo assim, avaliar essas escolhas torna-se algo fundamental para o sucesso de aquisição de conhecimento por parte do aluno. A avaliação é um dos aspectos desse processo de aprendizagem e a promoção é uma decorrência desse processo. Assim, busca-se um processo de avaliação que auxilie no processo de aprendizagem significativa e não avaliação apenas para a promoção.

Palavras-chave: Escolhas – Planejamento – Aprendizagem.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | SE APRENDER É CONSTRUIR SIGNIFICADO, ENSINAR É MEDIAR ESSA CONSTRUÇÃO..... | 11 |
| 2.1 | A metodologia: <i>práxis</i> de professor | 18 |
| 2.2 | A avaliação: Não é proibido reprovar, mas é tarefa do professor garantir a aprendizagem..... | 22 |
| 3 | AVALIANDO MINHAS ESCOLHAS | 25 |
| 3.1 | O reforço..... | 27 |
| 3.2 | Atividades de leitura e produção textual..... | 28 |
| 3.3 | Atividades matemáticas..... | 31 |
| 3.4 | Atividades práticas | 34 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: | 38 |
| | REFERÊNCIAS..... | 40 |
| | APÊNDICE A <fotos das atividades práticas> | 41 |
| | APÊNDICE A <atividades de Língua Portuguesa> | 43 |
| | APÊNDICE B <ATIVIDADES MATEMÁTICAS> | 48 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade cumprir as exigências pedagógicas e legais para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, strictus sensus, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como objeto de reflexão foi escolhido o tema “Planejamento: Uma perspectiva com enfoque nas escolhas do professor”, baseado nas experiências desenvolvidas ao longo do estágio obrigatório.

Este tema se originou nas indagações que se fizeram presentes ao longo do Curso de Pedagogia e que procuro sistematizar através desta escolha pontual, centrada nas experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado.

Meu objetivo, ao fazer esta escolha foi deter um olhar mais detalhado sobre a responsabilidade do professor ao planejar suas aulas com intencionalidade de promoção de aprendizagens. Notei durante este percurso que toda ação prática poderia modificar a vida dos meus alunos, de alguma forma. Comecei a olhar o planejamento como um fator de extrema importância. Quanto mais eu me preocupava em oferecer aulas extremamente eficazes e significativas, mais eu me submetia a análise do que eu trazia como referencial de aprendizagem para as crianças, exigindo muitas vezes, flexibilidade no planejamento. Em consequência disto, durante o estágio o que mais me proporcionou momentos de dúvidas e incertezas foi o momento da avaliação de cada prática realizada pelos alunos e conseqüentemente a aprendizagem dos mesmos, ou seja, penso que este é um momento de acomodar melhor essa parte da sala de aula que talvez seja a mais importante e a mais

complexa também, pois é difícil enquanto educadora medir a construção de habilidades e competências que o aluno construiu em si, é muito interno, é muito peculiar, uma vez que cada indivíduo internaliza suas aprendizagens diferentemente.

Aqui analiso toda estrutura do planejamento em si, embasando as práticas desenvolvidas durante o estágio supervisionado, contrapondo ideias de concepções e teorias educacionais importantes, tentando buscar estratégias de ensino e procurando um olhar diferente à prática do professor.

2 SE APRENDER É CONSTRUIR SIGNIFICADO, ENSINAR É MEDIAR ESSA CONSTRUÇÃO

Planejar é muito mais que somente listar conteúdos em tópicos por disciplina. O planejamento de um professor deve ser pensado para o processo de desenvolvimento global do aluno e, portanto, incutido no Projeto Político Pedagógico escolar, pois visa a crença que a escola aborda nas mais diferentes visões, sejam elas sociais, culturais e étnicas.

Evidentemente, na rede pública de ensino, por experiência própria, sei que todas as instituições educacionais, sejam elas municipais ou estaduais, também estão coligadas aos objetivos da secretaria de educação. Além dos planos de estudos com todos os conteúdos da grade curricular, englobando tudo isso, sobra muito pouco para o professor ter autonomia em sala de aula, porque ele deve dar conta das demandas do Projeto Político Pedagógico, dos objetivos e rotinas de possíveis programas privados adquiridos nos propósitos das secretarias, do estado, da união incutidos na LDB.

Conforme a LDB, Art. 26:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem Ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Ou seja, para o professor, há todo um modelo a ser seguido e cumprido conforme as normas das instituições. Uma reflexão constante de limites e autonomia. Afinal, até onde vai à autonomia de um professor?

Acredito que com toda essa demanda que deve estar presente no planejamento do professor, a autonomia fica muito centrada nas escolhas das atividades que serão utilizadas em sala de aula e na própria postura do educador, pois muito é cobrado caso ele não dê conta do mínimo (máximo) exposto nos diversos documentos que permeiam a educação em si.

Ensinar é agir na ausência de indicações claras e precisas sobre os próprios alvos do ensino, o que requer necessariamente uma grande autonomia dos professores. Ele é autônomo, em total amplitude que o trabalho dispõe, uma vez que parte dele adaptar recursos, técnicas, metodologias de ensino, etc. Não só comprometimento, mas estudo, dedicação, discernimento, enfim, tudo do que ele se utiliza para levar o aluno a uma caminhada para o saber. Deveria ser mais valorizado, difere de qualquer outra profissão, pois envolve muito trabalho intelectual principalmente porque nem uma criança é igual à outra, não se trabalha com grupos, trabalha-se com a individualidade de cada um, dos diferentes modos de aprender, de pensar, de agir, portanto, ele não atende à turma, ele atende às crianças, nas suas diferentes particularidades.

Ele deve direcionar o planejamento, de modo que possa relacionar às vivências dos pequenos, aprendizagens significativas, conhecimento de mundo e os conteúdos dispostos nos planos de estudos da turma em que os mesmos julgarão úteis para suas vidas.

Além disso, por estar trabalhando com pessoas, das mais diferentes realidades, com bagagens marcadas pela felicidade ou pela tristeza, muitas vezes ele precisa intervir no emocional, para “diagnosticar” o porquê da não aprendizagem, onde deve incentivar para que o aluno se desprenda e consiga prosperar em seus estudos. É um trabalho árduo, cansativo, mas muito recompensador, pois o processo de aprendizagem destes seres é algo lindo de se acompanhar. É pura interação, pois como dizia Paulo Freire, professor e aluno aprendem ao ensinar e ensinam ao aprender.

Antes do professor crer, ou construir a consciência do compromisso sobre o objetivo da educação em relação ao processo educativo (que seria o que o aluno precisa saber para atingir determinado objetivo). Ele passa por

dois estágios. Enquanto estagiário, na prática obrigatória para conclusão de curso (seja magistério ou pedagogia), em que o professor ensina o que não sabe. E posteriormente quando cai na rotina, dois, três anos após sua formação, em que ele ensina o que sabe, mas muito descrente e tem sua visão em relação à educação muito limitada, não enxerga outras possibilidades de educar, pensa que sabe tudo, perde sua capacidade de aprender.

Se o professor parar nesta 2ª fase, com certeza será um professor bastante desgostoso e desesperançoso em relação a sua profissão, não obterá sucesso, ou lembranças boas, rezará todos os dias antes de sair de casa para que o dia passe logo e ele possa no final do mês receber seu salário para pagar suas contas... É um professor frustrado! E portanto deve ir além, deve buscar outras formas de estudo, experiência, para resgatar sua auto estima e ir para a 3ª fase, mencionada no primeiro parágrafo.

Todas as pessoas mudam, aprendem. Tudo depende das possibilidades de investimento. Inteligência se desenvolve, qualquer um aprende, mas é muito importante ter vínculo com o aluno. Evidentemente quando se cria primeiro um perfil do aluno, consegue-se dar início ao vínculo, pois passa-se a conhecê-lo, o que é de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno.

Avaliação, por exemplo, é mediação, objetivo de onde se quer chegar.

Os professores, em sua grande maioria valorizam, principalmente a relação com os alunos. Eles crêem que grande parte do sucesso da aula se dá pelo bom relacionamento dos que estão dentro de uma sala de aula. Relação de respeito entre si. E isso é mediar, afinal, toda relação tem uma mediação e é preciso saber conhecer para poder mediar, afinal ninguém ama e respeita, aquilo que não admira.

Um professor mediador, trabalha interagindo com o aprendiz estimulando suas funções cognitivas, organizando o pensamento e melhorando processos de aprendizagem.

Em relação aos conteúdos e demandas a serem comportadas dentro de sala de aula, vejamos o que diz Vasco Moretto (2004, p. 115) ao posicionar-se sobre o papel do mediador referente às aprendizagens:

[...] o professor deve saber as competências associadas ao papel do mediador do processo de aprendizagem. Costumamos dizer que não basta saber as várias disciplinas que compõe o currículo, essa condição é necessária, mas não suficiente. É preciso que o professor conheça as tecnologias disponíveis para apoio pedagógico e as melhores condições para que o aluno aprenda.

Não devemos abandonar de fato todos os conteúdos que destinados à série/ano de ensino, mas deles se utilizar para que os alunos desenvolvam habilidades e alcancem competências para tornarem-se cidadãos de fato. Sob esta perspectiva, o professor deve deter um olhar aguçado sobre o aprender a aprender, ou seja, proporcionar ao aluno possibilidade de estabelecer relações significativas entre os conteúdos novos que ele se apropriou, por esquemas mentais de comparação, correlacionando, analisando, sintetizando e pondo em prática de fato.

Nem tudo que se ensina ficará “guardado” para sempre. Há conteúdos que são relevantes para a vida do aluno, sejam estes trazidos pelos alunos, ou relatados nos objetivos de formação do cidadão dispostos no projeto político pedagógico da escola, ou expostos no plano de estudos ou na base nacional comum. Há conteúdos que devem permanecer por mais tempo na sua estrutura cognitiva e revistos de tempos em tempos, por esta razão faz-se necessário que as aprendizagens significativas de conteúdos relevantes deverão ser avaliadas sistematicamente e periodicamente.

Todas as atividades devem ser avaliadas quanto a eficiência ao desenvolvimento cognitivo do aluno. Estabelecer referências, buscar intencionalidade é um aspecto constante em minhas reflexões. Compreendo que, toda prática do professor, deve estar embasada teoricamente. Os pressupostos teóricos estabelecem as diretrizes do trabalho, definindo procedimentos e estratégias metodológicas. Aliar o “para que” ao “como”, isto

é, os alicerces para a boa prática, pois representam os objetivos, as metas, as proposições do professor ao oferecer uma tarefa. Para tanto o professor também deverá estar atento aos seus sonhos enquanto educador que interage com pessoas, pois ao formar pessoas, a palavra se expande em vários eixos. Formar cidadãos, formar caráter, contribuir para a formação de uma personalidade, com valores de atitude e comportamentais, porque mesmo que haja diferenças entre a educação oferecida pelos pais da oferecida pelos professores, todos estão voltados para a formação do cidadão. A escola visa o social, portanto é impossível não remeter aos alunos, os nossos valores e as nossas escolhas enquanto sujeitos. O que torna importante a reflexão sobre o homem, a sociedade que queremos o aprendizado que queremos oferecer e a nossa avaliação do conhecimento. Se o aluno aprendeu, como ele demonstra isso?

Tentei embasar minha prática na teoria sócio-interacionista, partindo da concepção que o conhecimento se dá através das interações sociais entre os sujeitos. A psicologia sócio-histórica, que tem como base a teoria de Vigotsky (2010), concebe o desenvolvimento humano a partir das relações sociais que a pessoa estabelece no decorrer da vida. Desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, de modo que, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento. Nesse referencial, os processos de ensino e de aprendizagem também se constituem dentro de interações que ocorrem nos diversos contextos sociais.

Quando imaginamos uma sala de aula em um processo interativo, estamos acreditando que todos terão possibilidade de falar, levantar suas hipóteses e nas negociações, chegar a conclusões que ajudem o aluno a se perceber parte de um processo dinâmico de construção.

Fernando Becker (2001) em “Modelos Pedagógicos e modelos epistemológicos”, traz três concepções para representar a sala de aula. “Pedagogia diretiva”, “Pedagogia não diretiva” e “Pedagogia relacional”. A primeira nos remete ao modelo de educação tradicional empírica, em que o professor crê que consegue transmitir o conhecimento e o aluno aprender.

A segunda, “Pedagogia não diretiva”, é complicada de imaginar, pois mostra o professor como um agente facilitador que auxiliará o aluno a trazer a tona sua consciência e assim gerar o conhecimento. Uma visão apriorista do processo de ensino e aprendizagem.

E a terceira, e que creio que meu trabalho se enquadre, seria a própria educação sócio-interacionista, denominada por Becker (2001) como “Pedagogia relacional”. Nesta, podemos exemplificar através da prática docente em si, desde o planejamento das atividades e recursos a serem escolhidos.

Dada a realidade em que a turma se enquadra, o professor avalia materiais que possam ser adequados a faixa etária em que a turma se encaixa, e o grau de significado que o mesmo trará para o desenvolvimento pleno dos alunos.

O professor permite que o aluno explore e experimente, observando a reação dos alunos frente às problematizações, a curiosidade e hipóteses e questionamentos levantadas pelos mesmos, ritmando a aula, oferecendo tarefas diversificadas para que o aluno sistematize o que consolidou.

Becker (2001, p. 23) indaga e responde de forma muito nítida sobre a postura do professor referente a este modelo epistemológico:

[...] Por que o professor age assim? Porque ele acredita – ou melhor, compreende (teoria) - que o aluno só aprenderá alguma coisa, isto é, construirá algum conhecimento novo, se ele agir problematizar a sua ação. Em outras palavras, ele sabe que há duas condições necessárias para que algum conhecimento novo seja construído: a) que o aluno aja (assimilação) sobre o material que o professor presume que tenha algo de cognitivamente interessante, ou melhor, significativo para o aluno; b) que o aluno responda para mesmo às perturbações (acomodação) provocada pela assimilação do material, ou , que o aluno se aproprie, em um segundo momento, não mais do material, mas dos mecanismos íntimos sobre suas ações sobre este material [...]

Este professor tem um saber construído, recebe seu aluno, respeitando-o sem subestimá-lo quanto às aprendizagens que traz consigo, mas acredita que dentro de suas possibilidades, a criança possa acrescentar novos saberes que

irão aperfeiçoar seu conhecimento de mundo. Ele não é uma tabula rasa, pois convive com outras pessoas socialmente e traz consigo uma herança biológica hereditária. Esta herança, não traz programado os instrumentos do conhecimento, bastando manifestá-los conforme uma maturação prevista seguindo estágios cronológicos fixos. Da mesma forma, rejeita que a pressão social sobre o sujeito irá determinar seu conhecimento ou personalidade. Segundo Piaget (1971), o conhecimento tem início quando o recém-nascido age, assimilando alguma coisa do meio físico ou social, interage com o mundo do sujeito, provocando perturbações, desacomodações de saberes, propiciando lidar com o novo, para o qual a estrutura assimiladora não tem instrumento, possibilitando ao sujeito refazer sua organização de assimilação em função da novidade. Esse refazer do sujeito sobre si mesmo é a acomodação. Estes esquemas de assimilação, desorganização e reacomodação, farão com que as próximas aprendizagens sejam mais significativas e diferentes das primordiais. Daí, construtivismo – seu conhecimento em duas dimensões que se complementam, como conteúdo e como forma ou estrutura; como conteúdo ou como condição prévia de assimilação de qualquer conteúdo.

Após, algo novo ser construído, sintetizando o que já existia, o sujeito cria em si para este objeto um significado próprio, na medida em que interpreta-o de acordo com a sua possibilidade e fase cognitiva; faz-se entender que havendo uma acomodação resulta em reestruturação dos esquemas anteriores, o que entende-se que tem produzido aprendizagem ou mudanças cognitiva. Ou talvez, o sujeito por não ter as estruturas cognitivas suficientemente maduras, age no sentido de se transformar ajustando-se num esforço pessoal às resistências impostas pelo objeto do conhecimento, agindo sobre suas próprias estruturas alterando-as para acomodar o objeto experienciado. Os erros, por exemplo, são conseqüências, uma hipótese ou tentativa de acerto nas estruturações que a criança está fazendo na medida em que se relaciona com o objeto a ser estudado. Nesta perspectiva, o que mais importa seria o processo que se faz e não o produto final, E assim, estas duas dimensões, assimilação e acomodação, estritamente relacionadas, de forma que, sem assimilação (interpretação ativa), de determinado objeto (conteúdo)

não haveria a acomodação das estruturas psicológicas do aluno. A todo esse processo dá-se o nome de *equilíbrio*, que é o verdadeiro motor do desenvolvimento e do progresso intelectual.

O processo de *assimilação* e *acomodação*, não tem um começo determinado, muito menos um final. Desde o nascimento até a morte, sempre teremos algo novo a aprender.

Contudo, aprender é uma situação complexa, que deve ser vista em duas dimensões que se complementam entre si. A primeira diz respeito às estruturas, ou condições prévias para aprender, indicando a capacidade lógica do aluno e o conteúdo. A segunda a estrutura orgânica.

O professor, antes de tudo, precisa conhecer seu aluno, estipular um vínculo para que possa compreendê-lo. Assim permitirá aprender o que seu aluno já construiu até o momento. O aluno, por sua vez, precisa aprender o que o professor tem a ensinar. Esta interação desafiará a intencionalidade de sua consciência ou provocará um *desequilíbrio* que exigirá do aluno respostas em duas dimensões complementares: em conteúdo e em estrutura. Nessa relação, professor e alunos avançam no tempo.

Transpondo tudo isso em sala de aula, penso que a forma mais adequada de estimular a aprendizagem dentro da mesma, é quando o professor se dispõe a escolher atividades que levem os alunos a pensar de fato, partindo do estudo das realidades de seus alunos, da bagagem cultura e de acordo com a faixa etária que os levem a fazer esquemas, levando-os a construção de um novo saber.

Nesta perspectiva, o professor diariamente construirá a sua *docência*, dinamizando seu processo de aprender. E os alunos construirão a sua "*discência*", ensinando, aos colegas e ao professor, novas aprendizagens. Sobretudo, evolui a condição prévia de todo aprender ou de todo conhecimento, isto é, a capacidade construída de *deapropriar-se* criticamente da realidade física ou social e de construir sempre mais e novos conhecimentos.

2.1 A metodologia: *práxis* de professor

Todo método, para alcançar seus objetivos, precisa lançar mão de uma série de técnicas. Pode se dizer que o método se efetiva por meio das técnicas. A técnica é um conjunto de procedimentos escolares lógicos e psicologicamente conjugados com o intuito de favorecer a direção da aprendizagem do aluno, quando esta se limita no estudo de um tema, apresentação, elaboração, síntese ou crítica do referido tema. A técnica é o recurso didático particular que se vale o professor para efetivar os propósitos do método.

A metodologia, introdução de novos assuntos e desenvolvimento das aulas devem proporcionar significação para as crianças, possibilitando a participação dos mesmos, valorizando seu conhecimento prévio adequadamente a faixa etária da turma. O professor deverá buscar estratégias para desenvolver os objetivos das aulas, buscando atividades que proporcionem significação do conhecimento, sejam variadas e desafiadoras, favorecendo a troca de experiências e conhecimentos dos alunos durante as mesmas. Ao mesmo tempo o professor deverá incentivar as discussões, debates e criações (individuais ou coletivas) oportunizando uma construção significativa dos saberes escolares, como, por exemplo, durante o estágio, houve uma aula sobre o meio ambiente, lixo orgânico e inorgânico, uma criança curiosa me perguntou se os animais quando morriam que tipo de lixo os mesmos viravam, aproveitei a deixa e expliquei também que nosso corpo também virava adubo, ou matéria orgânica, pois ele também se decompõe, após isso muitos alunos trouxeram experiências vividas com o assunto morte e aula virou de valores, porque trouxemos relações com o espírito, as lembranças e o corpo que era “enterrado”, resgatando sentimentos e expondo os valores das crianças, eu achei interessantíssimo o rumo que a aula tomou, pois eles estavam de alguma forma relacionando o conteúdo com outras aprendizagens, alicerçando assim o conhecimento e relacionando diferentes áreas do conhecimento.

Reveladas as intenções, entendida a importância de articulação. O esboço do planejamento já está iniciado. A escolha de uma forma de articulação é tarefa facilitada pelo entendimento de que não devemos gastar

tanto tempo no enquadramento ou na purificação de tal forma. É possível sim uma trama entre as formas apresentadas. Porém, há elementos que são básicos em qualquer forma de planejamento. São eles:

- Tema gerador: Do que iremos falar?
- Objetivos: É preciso explicitá-los, tendo como base o “o quê” e “para quê”;
- Justificativa: Toda proposta tem uma origem e uma intenção;
- Estratégias e atividades: Momento do “como” ser explicitado;
- Localização: Onde será desenvolvido? Para quem? Deixar esclarecido o contexto;
- Recursos: Qual apoio necessário para ação, em termos de materiais e meios a serem utilizados;
- Avaliação: Acompanhamento permanente do processo ensino/aprendizagem.

E ainda, dentro desta metodologia, o professor também deverá refletir sobre os seguintes tópicos:

- Forma de correção;
- Clareza dos objetivos para os alunos
- Estímulo dado a pesquisa e a investigação
- Encorajamento e valorização de iniciativas pessoais
- Estímulo à autonomia cognitiva
- Relações entre a turma e professor
- Gerenciamento de conflitos
- Motivação dos alunos e do professor durante as aulas
- Existência de rotina
- Clareza de regras

Durante o estágio, refletir semanalmente sobre minha prática pedagógica e aperfeiçoar meu desempenho em sala de aula, reorganizando as atividades e em certos momentos reestruturando e ponderando algumas, visto que somente através da convivência diária pude perceber o quanto os alunos davam conta do que eu havia proposto. Como, por exemplo, posso citar as atividades no laboratório de informática. Entendia que os alunos tinham contato com a internet e sabiam realizar pesquisa, mas o e-mail foi uma grande novidade para os mesmos. Lembro que havia organizado uma porção de atividades, visando o conhecimento de muitas ferramentas em um só dia. A reflexão permitiu-me voltar as interdisciplinas estudadas durante o curso, e retomar conceitos em relação à flexibilidade do planejamento. Segundo Rodrigues (2001, p.59):

[...] muito da elaboração ficava a cargo de puro pensamento hipotético, pois era preciso imaginar tanto as situações como as respostas dos alunos, as condições climáticas favoráveis para o desenvolvimento de certas atividades, a distribuição de tempo das atividades no semestre. Por conseguinte, o planejamento banalizava-se em um ato meramente burocrático. O setor pedagógico terminava recebendo e arquivando planos que, na maioria das vezes, eram modificados.

Realmente é isso que ocorre, pois muitas vezes o professor não registra no diário as intervenções, as modificações que normalmente acontece, e são de extrema importância, pois é evidente que ao deixar a aula fluir e contando com a participação de todos da turma, com certeza o planejamento será alterado e o registro é necessário, principalmente para haverem uma sequência dos fatos que sucedem o objetivo da aula. Planejamento é elaborar - decidir que tipo de sociedade e de homem se quer e que tipo de ação educacional é necessário para isso; verificar a que distância se está deste tipo de ação e até que ponto se está contribuindo para o resultado final que se pretende; propor uma série orgânica de ações para diminuir esta distância e para contribuir mais para o resultado final estabelecido; executar - agir em conformidade com o que foi proposto e avaliar - revisar sempre cada um desses momentos e cada uma das ações, bem como cada um dos documentos deles derivados (Gandin, 1985, p.22). Portanto, planejar além de ser constante,

exige flexibilidade, uma vez que podemos ter clareza na visão de homem que queremos, mas devemos estar em contínua reflexão se o que planejamos está de acordo com o objetivado e se abre espaço para o interesse dos alunos.

2.2 A avaliação: Não é proibido reprovar, mas é tarefa do professor garantir a aprendizagem.

Dentro da metodologia de ensino do professor, um dos pontos mais importantes e que relaciona todo o ensino em si, é a avaliação.

Em sala de aula, a avaliação não se resume em somente analisar o desempenho dos alunos em determinada atividade, medindo seu conhecimento através de provas, testes e outros procedimentos comuns.

A avaliação inicia-se pelo planejamento do professor. O planejamento é a etapa mais importante no processo da aprendizagem, porque é nele que as metas são articuladas às estratégias e ambas são ajustadas às possibilidades reais.

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da atividade do professor, que articula o que acontece dentro da sala de aula com o contexto em que ela se insere. Trata-se de um processo de reflexão crítica a respeito das ações e opções ao alcance do professor, isto é, a idéia de planejar precisa estar sempre presente e fazer parte de todas as atividades.

Na tentativa de superar a escola tradicional, é importante estarmos atentos às práticas aparentemente inovadoras, mas que na realidade, acabam distorcendo a realidade e confundindo os sujeitos envolvidos, dada a boa intenção em tais iniciativas. Ora, evidentemente, há de se ter bom senso e verificar a realidade na qual atuamos. Por exemplo, é muito interessante a prática de saída de campo para que o aluno aprenda experimentando, porém se estivermos em escolas públicas, onde lidamos com crianças das mais distintas culturas, etnias e poder aquisitivo, investir em passeios caros, talvez não contemple a todos, visto que nem sempre a escola pública poderá alçar com as iniciativas de projetos do professor, muito menos os pais dos alunos.

De maneira alguma, sugiro limitar a criatividade de um projeto ou de temas a serem explorados, porém há de se buscar outras formas de mostrar o mundo, investindo em atividades que explorem a curiosidade e imaginação das crianças.

A avaliação é um momento único e privilegiado, em que o educando coleta dados, arquivados em forma de trabalhos ou observados no cotidiano. Este momento propicia, uma reflexão sobre a ação, visando redirecionar o processo de ensino, e também a aprendizagem.

Segundo os estudos de Moretto (2009), analisar o processo de avaliação a ser tomado pelo próprio professor remete a dois aspectos: a avaliação analítica, sistemática e contínua, conhecida também como formativa ou qualitativa e a avaliação sistemática, ou o momento destinado à síntese. A primeira é parte integrante do processo de ensinar e se funde com o mesmo. Isto é, além do professor ministrar a atividade escolhida, ao mesmo tempo, ele avalia como os alunos desenvolvem-na. Por exemplo, quando explica um novo conceito e observa os semblantes nos rostos dos pequenos, nota que alguns alunos ficam sérios, ou franzem a testa, percebe que é preciso retomar e explicar e exemplificar novamente, trilhando um novo caminho.

Este tipo de avaliação, está conectado diretamente à competência de percepção do professor frente aos sinais emitidos pelo aluno, flexibilizando assim, o planejado. E é aí que está o grande desafio em ser professor, pois temos que ser extremamente rápidos para captar estes sinais, e buscar criatividade para tomar a decisão no replanejamento. Toda esta ação, também pode ser denominada como o famoso “jogo de cintura” e trata-se justamente da competência para ensinar.

A avaliação sistemática, planejada de tempos em tempos. Geralmente o professor utiliza este tipo de avaliação em forma de atividades concretas como provas ou trabalhos. Há de se ver este momento como uma pausa estratégica para avaliar o processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de absorver novos sinais indicadores de aprendizagem. Da mesma forma que na avaliação analítica, o professor deverá inclinar-se para buscar outros caminhos

a serem prosseguidos caso os resultados não sejam os esperados pelo professor. Segundo Moretto, (2009, p. 55):

[...] o que precisa ser feito é ressignificar o conceito dessas atividades, ou seja, tornando-as como instrumentos para recolher “sinais” que serão interpretados como indicadores da eficiência dos processos de ensino e de aprendizagem, os quais tem como objetivo final a construção de conhecimentos pelo sujeito do processo educativo: o aluno.

De maneira alguma a avaliação da aprendizagem tem por finalidade punir ou reprovar o aluno. Na verdade sua principal função é ser um instrumento indicador de sinais de aprendizagens significativas, auxiliando o educador a reorganizar, replanejar e até mesmo ressignificar o planejamento, Buscando contemplar a aprendizagem de todos. É classificatória sim, pois no momento em que diagnosticamos se houve aprendizagem ou não, percebemos as diferenças entre um aluno e outro, classificando-os, porém ao diagnosticar o foco do problema, se trabalha para solucioná-lo.

3 AVALIANDO MINHAS ESCOLHAS

Durante o projeto desenvolvido no estágio, segui uma metodologia imposta de um programa de caráter privado, trabalhei assuntos relacionados à parte social, expostas no PPP da escola ao mesmo tempo em que desenvolvia os conteúdos referentes ao ano de ensino o qual se aplicava o estágio transposto em plano de estudos. Porém, optei oferecer aulas em que envolvesse o trabalho e envolvimento ativo dos alunos, onde os mesmos eram agentes de seus saberes. Minha proposta era de que eles pudessem utilizar os mais variados recursos e assim demonstrar seus conhecimentos através da pesquisa e experimentação.

E assim surgiu o projeto “Eu, sujeito único, inserido num contexto social”, cujo objetivo era o de proporcionar condições para o aluno reconhecer-se como sujeito único que possui uma identidade, que está inserido em um âmbito familiar, que faz parte de uma comunidade local e escolar dentro de um município o qual faz parte de uma região, constituído por outros municípios pertencentes ao estado do Rio Grande do sul, refletindo sobre sua cultura e seu papel diante às dificuldades do município, respeitando a faixa etária e ano de ensino em que os alunos se encontram.

Acredito que a reflexão sobre si e sobre os lugares do qual fazem parte são assuntos sempre atuais e que auxiliam o aluno a achar o seu lugar enquanto sujeito, localizando-se no tempo e espaço, discriminando fatos históricos e características principais da região estudada, situando-as no tempo e no espaço, bem como percebendo-se como agente da história com suas responsabilidades, posicionando-se aos fatos da realidade e apresentando alternativas para o seu melhoramento.

Todo mundo é diferente, portanto o processo de entendimento de cada sujeito também será diferente. Ensinar exige do professor um pensar globalizado que abranja todas as diferenças dentro de sala de aula, que relacione e respeite.

É importante sabermos que alunos que possuem deficiência física ou psíquica, não é o único tipo de NEE que vamos encontrar na sala de aula. Aquele aluno que possui algum tipo de dificuldade de aprendizagem também é, afinal ele tem dificuldades de aprender algum conhecimento, e que pode ser transitório. Eu, por exemplo, no 1º ano do segundo grau tive muitas dificuldades para assimilar o conteúdo de matemática, minha aflição era tanta que consegui convencer minha mãe a me tirar daquela escola e parar os estudos naquele ano. Lembrando é claro, que temos o costume de fugir daquilo que não é confortável para nós em qualquer etapa da vida. Só no ano seguinte com uma nova professora e com a mente amadurecida pude dar conta dos conteúdos apresentados em matemática, foi transitório, mas não deixou de ser uma dificuldade.

Acredito que se minha antiga professora tivesse um olhar diferenciado para mim, talvez eu não perdesse o ano, mas o planejamento dela não abria espaço para caminhos diferentes, ou seja, não contemplava as minhas dificuldades.

Para estes alunos é necessário rever a forma como é exposta as atividades corriqueiras da sala de aula. Devemos ter um cuidado muito grande ao planejar, pois como é transitório, é necessário buscar outras formas de fazer com que o aluno aprenda e isso se dá através do planejamento e da avaliação, porém, a avaliação que me refiro seria uma testagem para acompanhar as hipóteses de acerto apresentadas pelos alunos, para que assim possamos refletir e buscar outros caminhos para ensinar, tentando buscar o jeito como os alunos aprendem melhor. Estar analisando para ver se o tipo de planejamento que vem sendo feito está de fato atingindo os alunos, ajudando o aluno a aprender e o professor a ensinar.

Durante o estágio, não tive alunos portadores de Necessidades Educacionais Especiais. A turma se mostrava bem homogênea em termos de

conhecimento e participação. Mas alguns alunos apresentavam muita dificuldade, principalmente na produção textual. Eles ainda não haviam construído a competência para redigirem textos perfeitos, visto que para isso, algumas habilidades deveriam ser muito bem alicerçadas, como, por exemplo, a aplicação da ortografia correta, harmonia na estrutura de frases e pontuação pertinente ao pretendido no texto. Evidentemente, no 5º ano (antiga 4ª série) os alunos ainda estão em processo de desenvolvimento de várias competências que irão se concretizar ao longo da vida estudantil. Percebi que para alguns alunos, redigir um texto era algo extremamente complicado.

Para os alunos que não alcançaram os objetivos esperados na disciplina de língua portuguesa, me propus a oferecer aulas reforço em turno inverso, pois entendi que os mesmos precisavam de um tempo maior para dar conta das habilidades pretendidas, no caso, ortografia, pontuação e melhoramento do corpo textual.

3.1 O reforço

Uma das propostas de atividades que desenvolvi durante o estágio foi o oferecimento de reforço em turno inverso para os alunos com baixo desempenho. Lembrando que ao perceber o aluno com maiores dificuldades para acomodar certas aprendizagens, percebi que a metodologia que vinha utilizando não estava atingindo alguns alunos, então reorganizei meus objetivos e planejei aulas reforço durante o turno inverso ao da aula normal. Além do atendimento individual durante a aula.

O processo de recuperação deve ser muito bem pensado, pois rotineiramente acaba sendo uma simples recuperação de nota e não do fundamental que seria a recuperação da aprendizagem, não sobre a média dos alunos, mas pelo domínio dos conhecimentos essenciais.

O apoio ou atendimento individual é aquele realizado dentro de sala de aula, sob a forma de trabalho diversificado. Assim, este trabalho também pode ser realizado de forma diversificada. Por exemplo, em uma produção textual, os alunos podem ser divididos em duplas ou grupos, mas os objetivos para cada

um poderá ser diferente conforme a peculiaridade em que foram separados, ou ainda objetivos individuais. Isto, os alunos realizarão tarefas de acordo com suas necessidades específicas, mas os objetivos, não precisam ser necessariamente os mesmos.

Os alunos podem atingir os mesmos objetivos, as mesmas competências, mas por caminhos diversificados. Resta pois, o desafio de poder trabalhá-las. Por aqui abre-se um caminho para aquilo que Perrenoud (1986, p.43) tem defendido tanto:

A perspectiva de um ensino diferenciado: é o atender o aluno em suas necessidades que vai dar justamente a diferença, o problema não está só no diferenciá-lo, mas na qualidade da diferenciação: podemos excluir diferenciando ou não diferenciando: o ensino é gerador de desigualdade tanto pelas diferenças que faz como pelas que não faz.

Durante as aulas reforço, como estávamos em um grupo menor e semelhante nas dificuldades, os alunos sentiram-se a vontade para perguntar e tirar dúvidas tanto entre eles quanto comigo. Essa atenção diferenciada, faz a diferença nos objetivos que se quer chegar.

Evidentemente, nem todo o professor por motivos bem peculiares e pessoais, não tem a oportunidade de realizar aulas reforço individualizadas. Isto depende da disponibilidade d professor, e de cargas horárias disponíveis. Acredito que se a escola fosse disponibilizada ao aluno em caráter de turno integral, teríamos maior qualidade na educação, mas sabemos que este é um ponto que visa a mudança de toda estrutura escolar e mexe com as leis da base nacional da educação, portanto um outro assunto que não cabe a este estudo questionar. Meu intuito era apenas apontar que passar mais tempo com os alunos permite conhecê-los melhor e trabalhar diretamente com suas dificuldades.

3.2 Atividades de leitura e produção textual

As práticas de leitura são fundamentais para o bom desenvolvimento dos alunos em todos os aspectos. A leitura pode estar associada à Língua portuguesa, mas contempla, na verdade todas as áreas, pois o professor deve utilizar algum recurso (APÊNDICE B) que leve o aluno a ativar conhecimentos prévios sobre os assuntos a serem estudados. Qualquer que seja este recurso, esta inserido nele algum tipo de leitura, como por exemplo, a leitura que se faz de um passeio de estudos, ou de uma imagem com indagações.

A escrita é sempre representada pela linguagem. A escola apresenta a linguagem formal da sociedade, e por sua vez, os alunos trazem um mundo de experiências que lhes permitem construir muitas representações através de uma linguagem própria. O professor deverá se ancorar nesta bagagem trazida pelas crianças, oportunizando momento de ligar os contextos.

Durante o estágio supervisionado, busquei alguns elementos a serem contemplados durante o desenvolvimento da aula que se referem às práticas de leitura e posteriormente de produção textual.

A proposta de iniciar a aula com uma leitura deleite trazida pelos alunos, acolhe e ao mesmo tempo, permite um aperfeiçoamento na leitura em si, uma formação dos hábitos de leitura. A proposta é que as crianças tragam previamente lidos os textos escolhidos por elas. Estes textos podem ou não estar relacionados ao contexto da aula.

Nem todas as atividades envolvendo leitura devem ser lidas previamente pelos alunos, ao menos uma vez a leitura deverá ser lida em voz altas, tirando as dúvidas que surgirem, como pronúncia de palavras desconhecidas, de nomes próprios, termos de outras línguas, etc. Isto permite avaliar o aluno e suas dificuldades, o que é importante para que haja um trabalho mais eficaz em cima do que é apontado pelo grupo.

Toda leitura que o professor realiza em sala de aula aos seus alunos devem ser previamente ensaiadas, para que não seja exemplo de monotonia (mono=um / tono=tom), pois irá servir de modelo para o aluno, também formando hábitos de leitura e postura ao ler.

As escolhas que o professor faz em relação aos textos que serão trabalhados, deverão estar adequados ao nível de dificuldade ideal a faixa etária. Podem trazer palavras novas, mas devem ser razoavelmente compreensíveis pelos alunos numa leitura individual. As dificuldades provavelmente serão resolucioadas com a mediação do professor no momento oportuno em que as mesmas ocorrerem e haverá aprendizagem. Se os alunos não conseguem desenvolver uma compreensão elementar do texto sem o auxílio do professor, é porque o texto está fora da realidade dos alunos, portanto não terá significado.

Faz-se necessário, numa concepção sociointeracionista, que o professor reserve momentos para a reflexão crítica sobre as escolhas linguísticas que o texto traz em si. O texto, enquanto material empírico, concretiza escolhas feitas por um determinado autor que tem intencionalidade em atingir um tipo de público. Refletir sobre estas escolhas constantemente, buscando outras possibilidades de respostas, é um exercício que enriquece o vocabulário e amplia a criticidade na escolha posterior de palavras para o emprego em textos. Um exemplo simples é quando ao corrigir a interpretação textual, discutir com os alunos outras hipóteses de respostas, avaliando se é pertinente ou não e como poderia ser redigida buscando uma aprimoração na escrita.

A leitura de qualquer texto deve passar pela compreensão de seu conteúdo informacional, mesmo que não seja este o objetivo ao utilizar um texto. A localização de informações explícitas deverá ser estimulada pelo professor, bem como as informações pressupostas ou implícitas. Neste caso, é importante ter cuidado com as ironias, pois elas são extremamente complexas para serem apontadas por leitores inexperientes.

Toda produção textual deverá estar relacionadas á leituras antecipadas. Durante a produção dos alunos, é importante a mediação do professor com a finalidade de orientar o planejamento do texto, principalmente na progressão temática e a coerência, oferecendo posteriormente um momento de reescrita, em que o aluno possuindo o texto com anotações do professor possa refletir sobre possíveis melhorias e a execução das mesmas.

Em qualquer disciplina a ortografia deve ser posta em evidência durante as produções dos alunos (seja qual for a proposta), preferencialmente evitando as palavras descontextualizadas e desconhecidas. Porém, é válido, trabalhar com palavras que em determinado texto ou assunto sejam frequentes. Nesse ponto é necessário conceituá-la e buscar sentido lógico para o emprego da mesma, e se necessário buscar a derivação para que o entendimento do emprego da mesma torne-se significativo.

É fundamental estar atento se as atividades que envolvem o conteúdo gramatical estão a serviço de uma maior compreensão do significado textual, por exemplo, durante o estágio trabalhei com o conteúdo gramatical substantivos, meu objetivo principal era fazer com que os alunos aplicassem a regras dos substantivos próprios na escrita de nomes de pessoas, municípios, estados, países etc. Então era necessário o entendimento do que era simples, comum, em termos comparativos de palavras para representar algo. Todavia, fez-se necessário a compreensão dos demais substantivos, para adequar as palavras na concordância de estrutura de frases, tanto no singular quanto no plural, e observei que isto melhorou a redação deles.

3.3 Atividades matemáticas

Da mesma forma busquei elencar fatores importantes na resolução de atividades matemáticas (APÊNDICE C). A matemática é parte fundamental do desenvolvimento cognitivo do aluno, ela ajuda as crianças principalmente na parte de execução lógica

Primeiramente é importante definir o que enquanto, educador, julgamos significativo e eficaz na área matemática, qual atividade que irá de ao encontro com o que pensamos ser ideal com a metodologia e postura que utilizamos.

Acredito que ela deva favorecer a inserção dos alunos na realidade, o que se dá pela discussão de questões pessoais e sociais, e levá-los a assumir uma postura crítica e colaborativa em relação às mesmas.

Os alunos precisam ter mais oportunidades em sala de aula para resolver situações problemas, pensar, refletir e ampliar seus conhecimentos em

qualquer situação; relacionar materiais e objetos a sua volta e imagens com idéias matemáticas, analisar diferentes maneiras de se abordar um assunto, de forma que possam usar o que já sabem e tomar suas próprias decisões a respeito do caminho perfeito a prosseguir, e nos dias atuais, isso é fato, não basta apenas ensinar, é necessário oferecer subsídios para que as crianças construam e criem suas próprias estratégias de resolução para situações desafiadoras.

Neste ponto, julguei as situações problema como sendo o principal instrumento de trabalho matemático para os alunos de 5º ano com o qual realizei o estágio, pois nesta etapa eles já estão com os conhecimentos prévios da matemática muito bem alicerçados, tais como:

- Noção de tempo (antes e depois);
- Lembrar de fatos e saber contá-los na ordem correta, assim como recontar histórias ouvidas;
- Poder organizar-se com seus objetos pessoais e também com novas aprendizagens;
- Conseguem se apropriar das 4 operações para resolver situações simples cotidianas;

Partindo disto, me propus a buscar atividades em que o aluno, com todo este conhecimento pudesse aplicá-lo em situações que envolvesse sua vida: A aplicação do sistema monetário de forma a auxiliá-los nas compras; Problemas com a capacidade de refletir sobre uma quantia: Do lixo que produzimos, da retirada de livros em uma biblioteca, quantos livros lidos, o cotidiano da escola, problemáticas envolvendo medidas, para comparar, para refletir

Trabalhar com situações problemas ou histórias matemáticas, ainda que simples, pode suscitar o gosto pelo trabalho que envolve o pensamento, pois o aluno ao sentir-se desafiado, instiga sua curiosidade e aprimora seu raciocínio lógico além de utilizar e ampliar o próprio conhecimento matemático.

Um problema só existe quando há um objetivo a ser alcançado e buscamos soluções para atingir este objetivo.

Os problemas diferem de exercícios, pois o exercício matemático é uma atividade de adestramento no uso de alguma habilidade ou conhecimento matemático já conhecido por quem está resolvendo, como a aplicação de alguma fórmula conhecida. Isto é enquanto o exercício envolve a aplicação de resultados teóricos, o problema necessariamente envolve invenção e criação significativa, levando o aluno a procurar caminhos para resolvê-lo.

Um exemplo de atividade matemática, envolvendo problematização e esforço de pensamento estratégico para achar a solução por um caminho que instiga a curiosidade e a vontade de alcançar o objetivo, são os *jogos Boole*¹.

As histórias apresentadas nos Jogos Boole tem como solução verdadeiras matrizes no sentido matemático do termo, isto é, quadros de fileiras e colunas conexas. As colunas correspondendo aos critérios característicos da estrutura pré-determinada e as linhas correspondendo aos objetos de mesmas categorias (ou significações).

Esta forma pode implicar relações matemáticas simples ou complexas, tomada de decisões baseadas nos fundamentos das características e combinações distintas destas relações.

O jogo é uma prática que auxilia o desenvolvimento integral da criança, respeitando, principalmente sua faixa etária, a construção e a potencialização dos conhecimentos. A educação de crianças e jovens configurou-se como um espaço natural do jogo e do lúdico e tem beneficiado a compreensão de ensino e aprendizagem que acredita no emprego dessa metodologia como condição para aprendizagem matemática.

O jogo é considerado uma estratégia didática que facilita a aprendizagem, quando proporciona às crianças e jovens a construção do conhecimento matemático, as relações dentro deste saber e o desenvolvimento de habilidades lógicas.

¹ “Os jogos visam o desenvolvimento da capacidade de raciocínio lógico através de histórias construídas sobre estruturas lógico-matemáticas, sob a forma de enigmas ou problemas. As histórias são trabalhadas e resolvidas com os jogos de cartas, chamados JOGOS BOOLE em homenagem ao matemático George Boole, um dos criadores da matemática utilizada nos computadores de hoje, a Álgebra Booleana fonte de inspiração deste trabalho.” Disponível em: <<http://www.jogosboole.com.br/apresentacao.asp>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

A realização de gincanas ou jogos didáticos como estratégia de aprendizagem é um exemplo de como matemática e diversão podem andar juntas. O uso de jogos e desafios, se adequadamente planejados, são recursos pedagógicos eficazes para a construção do conhecimento matemático.

Segundo Piaget (1971), a competição nos jogos é parte de um desenvolvimento global que vai do egocentrismo a uma habilidade cada vez maior em descentralizar e coordenar os pontos de vista. A melhor maneira de lidar, então, com a competição nos jogos é fazê-lo de forma natural em relação à vitória ou à derrota, até que os participantes se tornem prontos para encará-la.

O oferecimento de atividades como gincanas, proporcionam ao aluno vários benefícios, no que se refere à aprendizagem.

Além do aprendizado da convivência em grupos, podemos ressaltar ainda, os trabalhosos exercícios mentais a que são submetidos no momento da realização das tarefas envolvendo o conteúdo, suas regras, e a lógica que deverão permear. Da mesma forma que os *jogos Boole*, as gincanas também fazem com que o aluno busque formas diversas de chegar ao resultado esperado, ou seja, o acerto.

Isto nos leva a acreditar na potencialidade do aluno, em sua capacidade operatória, em sua habilidade de estabelecer relações e na sua lógica.

Evidentemente, os jogos também, podem ser utilizados nas demais áreas do conhecimento, pois ao mencionar o desenvolvimento global. Este está para estabelecer seus conceitos interagindo com o mundo.

3.4 Atividades práticas

Durante todo o estágio, realizamos gincana, brincadeiras, desafios, atividades, jogos, produção de maquetes, produção de trajetos (mapas), linhas temporais, produção de livrinhos, receitas culinárias, passeios de estudo etc (APÊNDICE A).

Sempre tentei buscar formas atrativas para lançar as atividades. Para isso apostei no lúdico, nos jogos, nas brincadeiras e atividades práticas.

As atividades práticas são extremamente eficazes para a compreensão, fixação e retenção de conhecimentos pelos alunos.

O envolvimento sinestésico proporcionado por atividades nas quais os alunos têm participação integral, desde o planejamento até a execução e avaliação final são, quase sempre, bem vindas, justamente por serem, salvo raras exceções, envolventes e motivadoras, ainda que nem sempre seja o mais rápido e o mais fácil. A execução dessas atividades, normalmente, requer pequenas adaptações às condições físicas e logísticas das escolas e ao estágio cognitivo dos alunos.

Competir é uma tarefa extremamente prazerosa para as crianças, levando-as a acomodar os conhecimentos que estão sendo estudados, como afirma Piaget (1971): “O desejo de trocar pontos de vista com outras pessoas auxilia o desenvolvimento do pensamento e de outras capacidades”. Piaget (1971) também atribui à brincadeira uma função de “digestão mental” de situações e experiências vividas. Assim, distancia a brincadeira da simples atividade de repetição com objetivo de acomodação, pois a realidade é adaptada às necessidades da criança.

O jogo e o jogar abrem um espaço de folga, que oferece às crianças a oportunidade de melhor compreenderem o mundo em que vivem. E é a partir dessa compreensão que elas, brincando e jogando, vão apreendendo as experiências da vida e, assim, construindo sentidos para os fatos e novidades que vivenciam e percebem.

Para Piaget (1971), os jogos de regras consistem em combinações sensório-motoras ou intelectuais e são reguladas, ou por um código transmitido de geração a geração, ou por acordos momentâneos. Este é um jogo característico do indivíduo socializado, no caso ideal à faixa etária em que os meus alunos se encontram.

A brincadeira tem como uma de suas características, a conectividade conosco e com o mundo que nos cerca. Ela “pinta” com tons de importância

tudo que nos rodeia. Acredito que uma experiência marcada pelo lúdico é uma experiência significativa, pois estabelece ao sujeito que aprende e para aquele que ensina um clima de desafio e surpresa, proporcionando à criança ligar-se ao mundo contribuindo para a aprendizagem de forma efetiva.

Penso que os fatos mais marcantes de aprendizagem de nossas vivências escolares e de vida, estão relacionados a algum tipo de brincadeira. É importante possibilitarmos atividades de brincadeiras, pois as mesmas nos preparam para a vida adulta, uma vez que quando brincamos estamos nos conectando há um mundo que nos espera para transformá-lo, e fazemos isso através do lúdico. Como exemplo, podemos citar a questão da boneca que libera o nosso instinto maternal, ou os meninos que brincam de imitar os super-heróis, e demonstram toda a sua liderança perante algum fato... É uma atividade marcante, porque é prazeroso, e tudo que nos remete prazer ficará marcado, gerando aprendizagem significativa.

E Para onde vai o brincar, quando nos tornamos adultos? Segundo Freud (1969), quando crescemos, toda a parte lúdica que nos foi inculcada enquanto crianças, compõe nosso bom humor, quando nos tornamos adultos. O bom humor é uma forma de brincar quando adultos. O humor é um dos herdeiros da brincadeira infantil, essa capacidade de jogar o bom humor com fatos de nossas vivências e a criatividade é a principal herdeira do brincar. Se trabalhamos animados com aquilo que estamos fazendo, já é uma forma de brincadeira adulta, pois o brincar não morre, ele se espalha, cria raízes pelo nosso ser, mas assumindo novas formas.

A sala de aula deve ser um espaço de brincadeiras. Utilizando brincadeiras e jogos dentro da sala de aula, visando o aprendizado de certos conteúdos, a criança aprende, sem se dar conta de que está aprendendo e com maior qualidade, pois brincando, a criança compreende melhor o seu mundo, o qual está inserida, assim ela entende as experiências da vida.

Através dos jogos e brincadeiras, além da forma prazerosa de aprender, nos permitem perceber sentimentos, personalidades, características que são expostas pelas crianças, individual de cada uma, realmente mostram

tudo que estão sentindo, pois ficam de uma forma tão espontânea e compenetrada ao brincarem, que se tornam transparentes.

Assim, entendo que o lúdico no cotidiano escolar é sem dúvida uma ação importantíssima para o crescimento saudável, tanto no lado cognitivo quanto físico da criança, porém penso que o mesmo deve ser uma ação consciente do professor que o propicia para seus alunos. Assim como as demais atividades, os jogos, práticas e brincadeiras devem ser planejados e ter um propósito na complementação do planejamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Somos carentes de uma consciência crítica e ela é base para nos levar a novas oportunidades, questionar e perceber novos rumos a serem percorridos na elaboração de uma prática pedagógica mais humana, libertadora, que por ser dialética nos faz abandonar a rotina. Fugir da rotina é trabalhoso, traz inquietações que muitas vezes camuflamos, em nome de uma “autoridade” e “segurança”, isto porque a rotina é previsível, mas também é desgastante, pois inibe o surgimento de novas possibilidades. Não esqueçamos que a humildade e nossos erros nos conduzem a trilhar novos caminhos, e que inúmeras possibilidades se apresentarão e teremos então a liberdade de escolha.

O expressivo período de contato com a realidade educacional, através da inserção no contexto escolar e a atuação em sala de aula, inevitavelmente, provocou em mim, embora já professora há muitos anos, reflexões e, conseqüentes mudanças de opinião acerca das minhas motivações pessoais e profissionais. Lendo e revendo meu diário de classe trabalhado durante o estágio, penso que poderia ter alterado algumas coisas e reflito sobre o que trouxe para os alunos, o que eles aprenderam de fato, e se isso foi significativo para os mesmos.

As crianças precisam escrever, ler, realizar as atividades manuais, tatear, brincar e se relacionar com os colegas, pensar.

Ser responsável na função de professora nos remete a análise das próprias ações no direcionamento do processo de aprendizagem do educando e nos possibilita refletir sobre questões como: Por quê meu aluno não aprende? A minha metodologia está adequada para a modalidade de

aprendizagem dele? O que ensino está de acordo com a sua realidade? Estou dando-lhe atenção como espera e necessita?

“De nada vale inovar, criar, sugerir, inventar se essas ações não conduzirem à aprendizagem consciente, consequente, e, portanto, significativa”. (ANTUNES, 2004, p. 33-35)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Monteiro, MERCADO, Luís Paulo. Aspectos Críticos do Computador na Educação. In: **Educação**: Revista do Centro de Educação. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1990.

BECKER, Fernando. Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos. In: BECKER, Fernando. **Educação construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p.15-32;

SANTOS, Elder Cerqueira. **Um estudo sobre a brincadeira entre crianças em situação de rua**. 2004. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000432015&loc=2004&l=68062ede2e4417bb>>. Acesso em: 28 nov. 2010.

FREIRE Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDIM, Danilo, CRUZ, Carlos H. Carrilho. **Planejamento na sala de aula**. Porto Alegre: SEM EDITORA, 1995.

MORETTO, Vasco Pedro. Construtivismo: a produção do conhecimento em aula. RIO DE JANEIRO: Editora DP&A, 2004.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento**: Planejando a educação para o desenvolvimento de competências. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: Um momento privilegiado de estudos, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2010.

PERRENOUD, Philippe. CARDINET, Jean. ALLAL, Linda. **A avaliação formativa num ensino diferenciado**. Coimbra: Almedina, 1986.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação: do “É proibido reprovar” ao É preciso garantir a aprendizagem**. São Paulo: LIBERTAD, 1998.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: LMFE - LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA, 2010.

APÊNDICE A <fotos das atividades práticas>

Maquetes



Apresentação de trabalhos para a escola e Trilha representativa do bairro



Momento de leitura



Passeio pelo bairro



APÊNDICE B <atividades de Língua Portuguesa>

Algumas atividades de Língua portuguesa desenvolvidas com os meus alunos durante o estágio supervisionado:

Período: 12/04/2010 à 12/06/2010

Atividades de leitura

Leitura deleite: Selecionar um poema para ler aos alunos, após a leitura, escolher um aluno para trazer um texto curto para fazer a leitura deleite do próximo dia.

Diariamente, no início da aula e de forma aleatória os alunos liam textos de gostos pessoais selecionados por eles, dos mais diferentes gêneros textuais: narrativas, fábulas, contos, reportagens, músicas...

Leitura, escrita e interpretação:

Roda de história: Sentar-se com os alunos em roda no tapete (com almofadas). Cada um lê uma página do livro “A revolta das coisas” de Charles Kiefer. Após a leitura retomar o texto livro recontando a história (expressão oral). Questionar: “E se as coisas que mais adoro no mundo se revoltassem contra mim?” “O que é revolta?”

Expressão ilustrativa: Trabalho sobre o livro:

Pedir que os alunos listem os objetos que mais adoram.

Em seguida os alunos deverão desenhar este objeto se revoltando contra eles. Imaginar que tipo de coisas eles poderiam fazer para se vingar e tentar representar no desenho.

No laboratório de informática trabalhei com os alunos:

Utilização de recurso tecnológico para explorar a pesquisa, escrita e leitura.

Criação de e-mail;

Adicionar contatos no e-mail (contatos dos colegas);

Enviar e-mails para os colegas e responder o que recebeu;

Responder e-mail da professora;

Utilizar a ferramenta do gmail de bate papo para comunicar-se com os colegas on-line;

Criação de pbworks: Postagem de produções textuais referente ao tema do projeto (Criação de páginas para assuntos distintos dentro do tema proposto compreensão de ferramentas deste recurso, inserção de imagens, configurações gerais de fontes, inserção de links etc.)

Pesquisa na Web: Procura de assuntos, leitura e seleção de informações importantes para produção de textos e resumos;

Utilização do editor de texto para redação: Observação da ferramenta do programa “Ortografia e gramática” para visualizar erros e corrigi-los (com auxílio de dicionário manual ou on-line).

Produções textuais:

Trabalho desenvolvido a partir de estudos de diferentes gêneros textuais e sobre o tema gerador do projeto:

Histórias fantásticas: Produção de narrativa coletiva (turma dividida em três grandes grupos), inserindo no texto palavras determinadas por envelopes contendo imagens. As imagens deveriam ser inseridas no contexto da narrativas de forma que se relacionassem;

Relatório: Produção de relatórios sobre passeios de estudos;

Propaganda: Após realizarem pesquisa e recolhendo informações de características importantes, pois os alunos estavam estudando municípios constituintes de uma região. Os alunos foram separados em grupos (por

municípios) e elaboraram cartazes com a finalidade de chamar turistas para seu município, utilizando a propaganda como recurso atrativo;

Produção de um livrinho sobre o município em que reside, em duplas:

Produção escrita a partir de pesquisa em livros sobre o município e panfletos culturais de divulgação do mesmo:

No livro deverá aparecer:

Sumário: (Páginas 01 e 02 capa);

Página 03: Apresentação: (Do que fala o seu livro);

Página 05: História

Página 06: Origem do nome

Página 07: Natureza

Página 08: cultura

Página 09: Lazer

Página 10 Bibliografia

Histórias em quadrinhos:



Agora é sua vez:

Disponha vários textos, livrinhos de histórias infantis etc... Os alunos também poderão criar a história se preferirem.

Efetuar a leitura

Transcrever o texto escolhido em história em quadrinhos, aplicando os balões que aprenderam adequadamente às situações do texto.

Ortografia e gramática:

Todas as atividades foram trabalhadas após o estudo gramatical e ortográfico explicados e exemplificados pela turma e pela professora, através de lições e pesquisa.

Escreva o substantivo Próprio da celebridade abaixo:



Retire do texto que construímos (texto coletivo) 5 substantivos concretos e 5 substantivos abstratos.

Após, os alunos juntamente com a professora analisam as palavras selecionadas.

Após uma produção de texto, selecionei as palavras mais erradas pelos alunos e realizei um ditado:

Trabalhando com as palavras do ditado:

Acrescentar – alguém – discussão – certeza – fracassar – perceber – sombra – chutar – complicado – sujeito – propaganda – arrepiar – caroço – publicado – unir – imagem – observação – mixuruca – compromisso – maneiro.

Criar em duplas um jogo da memória com as palavras: Em um cartão deverá conter a palavra e no outro uma frase com esta palavra, poderão tentar ilustrar. Trocar os jogos entre as duplas e jogar.

Em grupos criar uma cena para apresentar para a turma utilizando os pronomes pessoais de tratamento;

APÊNDICE C <ATIVIDADES MATEMÁTICAS>

Algumas atividades matemáticas desenvolvidas com os meus alunos durante o estágio supervisionado:

Período: 12/04/2010 à 12/06/2010

Complete o diagrama com os 14 números dados abaixo. Sete deles deverão ser lidos horizontalmente e sete verticalmente, o ponto de partida é o algarismo 7, já escrito no seu devido lugar:

| | | | | | | | | |
|---------|---------|--|--|--|--|--|--|--|
| 3543365 | 5575683 | | | | | | | |
| 3716514 | 5938344 | | | | | | | |
| 3783623 | 6853653 | | | | | | | |
| 4857526 | 7015857 | | | | | | | |
| 4978325 | 8414222 | | | | | | | |
| 5367378 | 8957343 | | | | | | | |
| 5379789 | 9303845 | | | | | | | |

Observar produtos (imagens e preços retirados de panfletos de ofertas de supermercados) e seus preços e responder histórias matemáticas:

| | | |
|--|--|--|
|  Shampoo R \$ 3,75 |  Leite de aveia Davene R \$ 3,99 |  Corpus R \$ 3,69 logurte |
|  Molho de tomate R \$ 1,59 |  Linguiça toscana R \$ 4,98 kg |  Bombom Lacta lo gurte Dan |

| | | | |
|--|--|----------------------------------|------------------------|
| | | Grandes Sucessos R \$ 5,48 | one R \$ 2,78 |
|--|--|----------------------------------|------------------------|

a) Com R \$ 30,00 eu conseguiria comprar todos os produtos acima? Quanto faltaria ou sobraria?

b) Se eu comprasse 3 kg de linguiça toscana e 3 caixas de bombom, de quanto seria o meu gasto?

c) Com R \$ 50,00, conseguiria comprar 2 latas de molho de tomate, 3 bandejas de iogurte corpus, 2 kg de linguiça toscana, um shampoo fructis e um hidratante de aveia davene? de quanto seria o meu gasto? Sobraria Dinheiro ou faltaria? Quanto?

De quanto seria meu gasto se eu comprasse todos os produtos acima?

Em uma fábrica de calçado de Igrejinha, são produzidos diariamente 54,000 pares de calçados por dia:

Veja:

| | |
|-------------------|--------|
| Sapatilhas | 18,000 |
| Tênis | 22,000 |
| Sapatos feminino | 8,000 |
| Sapatos masculino | 6,000 |

Responda:

Quantas sapatilhas serão produzidas diariamente em 3 dias?

Quantos pares de calçado masculino serão produzidos em 13 dias?

Quantos pares de tênis serão produzidos no mês de maio?

Quantos pares de calçado produzidos diariamente nesta fábrica serão produzidos durante 5 dias?

Construção de diferentes estratégias de cálculo.

Penso em um número, agrego 30 e obtenho 70. Qual é esse número?

Penso em um número, tiro 200 e obtenho 700. Em que número pensei?

Agrego um número a 300 e obtenho 1.000. Que número agreguei?

Tiro um número do número 6000 e obtenho 2000. Que número tirei?

Penso em um número, agrego 100 e obtenho 400. Em que número pensei?

Penso em um número, junto 3000 e obtenho 8000. Em que número pensei?

Penso em um número, tiro 900 e obtenho 100. Em que número pensei?

Penso em um número, junto 250 e obtenho 600. Em que número pensei?

Penso em um número, tiro 150 e obtenho 450. Em que número pensei?

Agrego 250 a 450. Que número obtenho?

Tiro 450 de 900. Que número obtenho?

Agrego 140 a 470. Que número obtenho?

Tiro 150 de 530. Que número obtenho?

Essa é muito fácil...

$$530 + \dots = 600$$

$$720 + \dots = 1.000$$

$$45 + \dots = 1.000$$

$$890 + \dots = 1.000$$

$$600 + 800 = \dots$$

$$1.500 + 700 = \dots$$

$$900 - 700 = \dots$$

$$800 - 250 = \dots$$

$$1.000 - 400 = \dots$$

$$3.400 - 600 = \dots$$

Recorte e cole no caderno as ofertas do supermercado Rissul na pag 7 do NH que você recebeu e responda:

Quanto de dinheiro você precisaria para realizar a compra de todos estes produtos?

Quanto você gastaria se comprasse 6kg de peito bovino com ossos?

Com R\$ 65,00, você conseguiria comprar 3kg de bergamota, 4kg de caqui, 1Kg de banana, 2 kg de cenouras, 3 dúzias de ovos, 5kg de pêra, 2 potes de margarina e 2 pacotes de sabão em pó OMO? Sobraria ou faltaria dinheiro?

Busque uma solução matemática para achar as idades das celebridades abaixo:

XUXA – 27/03/1963

LULA – 27/10/1945

LUAN SANTANA – 13/03/1991

RODRIGO FARO – 20/10/1973

GRAZI MASSAFERA – 28/06/1982

Analise com atenção e encontre repostas para o desafio abaixo:

A jornalista mora na casa vermelha

A modelo tem um coelho

O programador bebe refrigerante

A casa verde fica exatamente à esquerda da casa cinza

Quem mora na casa verde bebe café

Quem anda de avião tem um passarinho

Quem mora na casa amarela anda de barco

Quem mora na casa do meio bebe leite

Um observador da outra rua afirma que um sodado mora na primeira casa da esquerda para a direita

Quem anda de automóvel mora ao lado de quem tem uma tartaruga

Quem tem um cavalo mora ao lado de quem anda de barco

Quem anda de ônibus bebe suco

O juiz anda de aza delta

O soldado mora ao lado da casa azul

Quem anda de automóvel é vizinho do que bebe água

Quem tem um peixe?

| PROFISSÃO | CASA | ANIMAL | BEBIDA | TRANSPORTE |
|-----------|------|--------|--------|------------|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |